

Reflexividade e Redução Lexical em Caboverdiano

Fernanda Pratas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

1. Expressões pronominais disponíveis em Caboverdiano (conhecido como Crioulo de Cabo Verde)

Cardinaletti & Starke (1994) propõem a existência de um sistema universal de pronominais, constituído por três classes, pronomes fortes, pronomes fracos e clíticos, podendo cada língua lexicalizar, ou não, todas as classes. Como se pode ver no Quadro 1, o Caboverdiano lexicaliza as três diferentes formas pronominais, podendo as formas clíticas ser confirmadas através dos testes previstos por Kayne (1975).

Quadro 1 – Expressões pronominais disponíveis

	Pronomes fortes	Pronomes fracos	Clíticos
1ª sing.	ami	mi	N/ -m
2ª sing. (informal)	abo	bo	bu/ -u
2ª sing. (formal masc.)	anhu	nhu	nhu
2ª sing. (formal, fem.)	anha	nha	nha
3ª sing. (fem./masc.)	ael	el	e/ -l
1ª pl.	anos	nos	nu
2ª pl.	anhos	nhos	nhos
3ª pl.	aes	es	-s

1.1. Distribuição das formas pronominais de sujeito e de objecto

As três formas pronominais de sujeito podem surgir na posição de sujeito de orações matriz ou de orações encaixadas. Podem também ocorrer contextos de redobro do pronome, como se pode ver no Quadro 2.

Quadro 2 – Posição de sujeito: orações matriz
(na primeira coluna, figura entre parêntesis o significado das frases)

	Clítico de sujeito	Pronome forte	Pron. forte/fraco + clítico sujeito
1ª sing.	N kanta (Eu cantei)	Ami kanta	Ami / Mi, N kanta
2ª sing.	Bu kanta (Tu cantaste)	Abo kanta	Abo/ Bo, bu kanta
2ª sing.	Nhu kanta (O senhor cantou)	Anhu kanta	Anhu, nhu kanta
2ª sing.	Nha kanta (A senhora cantou)	Anha kanta	Anha nha kanta
3ª sing.	Ei kanta/ E kanta (Ele/Ela cantou)	Aei kanta	Aei e kanta
1ª pl.	Nos kanta (Nós cantámos)	Anos kanta	Anos/Nos, nu kanta
2ª pl.	Nhos kanta (Vós cantastes)	Anhos kanta	Anhos nhos kanta
3ª pl.	Es kanta (Eles/Elas cantam)	Aes kanta	Aes es kanta

As formas pronominais de objecto, directo ou indirecto, variam conforme o marcador de TMA realizado em posição pós-verbal e não consoante o caso que é atribuído pelo verbo à sua posição.

Assim, com a forma verbal que corresponde ao passado e apresenta um valor aspectual perfectivo, a forma pronominal realizada é o clítico de objecto (Quadro 3). Quando surge realizado o morfema pós-verbal marcador de um passado imperfectivo¹, a forma seleccionada é um pronominal morfologicamente mais complexo,

¹ Cada uma destas formas verbais é usada em diferentes contextos temporais e aspectuais, podendo o seu valor ser ainda marcado, ou não, com outras partículas, como um *ta* pré-verbal. Podemos verificar este contraste em (i).

- (i) a. E bai skola
 Ele foi à escola
 b. E ta bai kaza
 Ele vai para casa
 c. E ta bai skola tudu dia
 Ele vai à escola todos os dias
 d. Toni, bai kaza / *pro* bai kaza
 Toni, vai para casa/ *pro* vai para kaza

A construção em (i a.) é um passado simples. A construção em (i b.) pode corresponder à perifrástica do português *Ele está a ir para casa*, mas a leitura mais comum é a que tem o valor do presente simples, eventual. A construção em (i c.) tem um valor iterativo e em (i d.) temos um valor modal de imperativo, o que nos é dado pelo contexto discursivo mas também pela possível admissão de um sujeito nulo, o que só é possível em caboverdiano num número muito restrito de contextos.

que não varia conforme a sua posição é a de sujeito ou de objecto, e tem sido assumido como um pronome fraco (Baptista 1997), embora em determinados contextos tenha um comportamento típico dos clíticos (Quadro 4). Assumo que esta variação se deve a razões de ordem fonológica e não sintáctica – eventualmente trata-se de um fenómeno da mesma natureza do confrontado por Barbosa (2000) no Megleno-Romance. No seu trabalho sobre clíticos e a relação destes com os sujeitos nulos, a autora aponta a dificuldade de manter uma abordagem estritamente sintáctica quanto às restrições na distribuição das formas pronominais fracas e fortes naquela língua.

Quadro 3 – Objecto, directo ou indirecto, após forma verbal perfectiva

	Clítico	Acusativo	Dativo
1ª sing.	m	El odja-m (ele viu-me)	El fla-m (ele disse-me)
2ª sing.	u	El odja-u (ele viu-te)	El fla-u (ele disse-te)
2ª sing.	nhu	El odja-nhu (ele viu-o)	El fla-nhu (ele disse-lhe)
2ª sing.	nha	El odja-nha (ele viu-a)	El fla-nha (ele disse-lhe)
3ª sing.	l	El odja-l (ele viu-o/a)	Ele fla-l (ele disse-lhe)
1ª pl.	nu	El odja-nu (ele viu-nos)	El fla-nu (ele disse-nos)
2ª pl.	nhos	El odja-nhos (ele viu-vos)	El fla-nhos (ele disse-vos)
3ª pl.	s	El odja-s (ele viu-os/as)	El fla-s (ele disse-lhes)

Quadro 4 – Objecto, directo ou indirecto, após forma verbal imperfectiva

	Pron. fraco	Acusativo	Dativo
1ª sing.	mi	El odjaba-mi (ele via-me)	El flaba-mi (ele dizia-me)
2ª sing.	bo	El odja-bo	El flaba-bo
2ª sing.	nhu	El odjaba-nhu	El flaba-nhu
2ª sing.	nha	El odjaba-nha	El flaba-nha
3ª sing.	el	El odjaba-el	Ele flaba-el
1ª pl.	nos	El odjaba-nos	El flaba-nos
2ª pl.	nhos	El odjaba-nhos	El flaba-nhos
3ª pl.	es	El odjaba-es	El flaba-es

Quanto à forma imperfectiva, pode assumir valor de imperfeito do indicativo, de conjuntivo ou de condicional, como se pode ver em (ii).

- (ii) a. E ta skrebeba-mi tudu dia
Ele escrevia-me todos os dias
- b. Si N pasaba un mes na Kauberdi, N ta papiaba kriolu dretu
Se eu passasse um mês em Cabo Verde, falaria (estaria a falar) bem crioulo

1.2. Outras formas pronominais

1.2.1. Reflexivos

Uma das formas reflexivas é formada pela expressão *kabesa* na posição de objecto:

- (1) Djon mata *kabesa*.
O João matou-se

Outra das formas é constituída pelo determinante possessivo, com marca de género apenas nas duas formas de tratamento formal (*nha; bu; di nho; di nha; si; nos; nhos; ses*), seguido de *kabesa* (estas duas formas reflexivas apenas são realizadas com predicados cuja reflexividade é muito improvável, normalmente envolvendo algum grau de violência):

- (2) Djon mata *si kabesa*.²

Em certos contextos, usa-se ainda outra forma: pronome fraco seguido de *me*.

- (3) N sa ta purfia ku *mi-me* pa N ka kumi txeu katxupa
Eu estou a debater com Repl para eu não comer muita cachupa
Estou a debater-me comigo mesmo para não comer muita cachupa

Note-se ainda que na frase em (3) parece surgir realizado um clítico de objecto na posição de sujeito da oração encaixada. Assumo que esta variação ocorre igualmente por razões de ordem fonológica.

² Assumo que ambas as expressões reflexivas *kabesa* e *si kabesa* correspondem a uma anáfora do tipo SELF, pontuando entre os diversos resultados dos processos mentais de *relexificação* e *reanálise*, típicos da creolização (Lumsden 1999). Dado o escasso *input* da língua europeia socialmente dominante (lexificador, ou língua de superstrato) a que estavam sujeitos os indivíduos falantes de diferentes línguas nativas de África (línguas de substrato), no contexto das plantações para onde eram levados como escravos, esses indivíduos construíam unidades lexicais semelhantes, mas não totalmente correspondentes, quer do ponto de vista fonológico quer do do significado, a determinadas unidades de vocabulário do lexificador (é este processo que se entende por *relexificação*). Em alguns casos, o “aspecto” fonológico dessas novas unidades passa a ser associado a entradas lexicais de categorias funcionais do lexificador (é a esta associação que Lumsden chama *reanálise*). Estes processos são também possíveis noutros contextos de aquisição e mudança linguística, tendo o de reanálise ocorrido também, por exemplo, no seio de línguas como o inglês e o português, em que preposições como *of* ou *de* passaram a poder ser usadas não como preposições mas como partículas funcionais de atribuição de caso. A expressão *si kabesa* não corresponde, neste contexto, a *a sua cabeça* mas sim a *si mesmo*.

1.2.2. Recíprocos

As formas recíprocas são formadas pelo pronome fraco de uma das três pessoas do plural (*nu, nhos, es*) na posição de sujeito, com a expressão *kunpanheru* na posição de objecto (veja-se a nota 2, sobre os processos de *relexificação* e *reanálise*).

- (4) Es gosta kunpanheru
Eles gostam um do outro

Mesmo em contextos de negação:

- (5) Es ka gosta kunpanheru
Eles não gostam um do outro

1.2.3. Demonstrativos

As formas demonstrativas são duas, singular e plural: *kel* e *kes*, respectivamente. Podem ocorrer como determinantes (6 a.) ou como pronomes (6 b.).

- (6) a. *Kel omi* e nha pai
Aquele homem é o meu pai
b. *Kel* e nha pai
Aquele é o meu pai

Podem ainda ser modificadas por partículas adverbiais de lugar, estabelecendo o contraste entre o que está próximo e o que está distante. Com valor pronominal:

- (7) a. *Kel-li* gosta di bo
Este gosta de ti
b. *Kes-la* sa ta bai praia di mar
Aqueles estão a ir para a praia

Mas também com valor de determinante:

- (8) *Kel omi la* e nha pursor
Aquele homem ali é meu professor

2. Breve descrição das restrições à co-referência de pronomes e anáforas

Segundo a Teoria da Ligação, a partir de agora BT (Binding Theory) (Chomsky 1981, 1986), as condições que regem a co-referência entre DPs numa frase são as seguintes:

- A: Uma anáfora é ligada dentro da menor oração temporalizada que a contém.
 B: Um pronome é livre dentro da menor oração temporalizada que o contém.
 C: Uma expressão-R é livre.

Estas condições podem ser verificadas, respectivamente, no paradigma seguinte:

- (9) a. Pedru_i mata (si) kabesa_i
 O Pedro matou-se
 b. *Pedru_i mata (si) kabesa_j
- (10) a. Pedru_i mata-l_j
 O Pedro matou-o
 b. *Pedru_i mata-l_i
- (11) a. Pedru_i mata muskitu_j
 O Pedro matou o mosquito
 b. *Pedru_i mata muskitu_j

Uma anáfora é obrigatoriamente ligada por um antecedente que a c-comanda (Reinhart 1976), como se pode verificar no paradigma seguinte:

- (12) a. Fidju_i di Pedru_j odá-l *_{i,j} na tilibison
 O filho do Pedro viu-o na televisão
 b. Fidju_i di Pedru_j odja si kabesa _{i, *}_j na tilibison
 O filho do Pedro viu-se na televisão

A Teoria da Reflexividade dos Predicados (TRP), de Reinhart & Reuland (1993), intruz, produtivamente, a distinção entre predicados semânticos e predicados sintácticos, e as condições relevantes passam a ser as seguintes:

- A Um predicado sintáctico marcado reflexivamente é reflexivo.
 B Um predicado semântico reflexivo é marcado reflexivamente.

Um predicado sintáctico é apenas V. Um predicado semântico pode ser N, P ou V. Esta nova formulação pode assim dar conta, entre outros casos que violariam as condições da BT, de realizações da marca de reflexividade em frases como em (13), em que o predicado semântico é um N.

- (13) Lucie_i saw [a picture of her_j/herself_i]

3. Contextos do caboverdiano em que a forma anafórica não é foneticamente realizada

Alguns predicados que seleccionam um argumento nominal directo (e cuja reflexividade não é inerente nem provável, apenas possível) comportam-se como verbos transitivos quando este NP é um pronome ou uma expressão-R (14 a.) e (14 b.). Quando o argumento interno e o argumento externo são co-referentes – na entrada reflexiva do mesmo verbo, como (14 c.) –, o argumento interno (forma anafórica) não é foneticamente realizado.

- (14) a. Pedru laba-l
 O Pedro lavou-o
 b. Pedru laba karu
 O Pedro lavou o carro
 c. Pedru laba
 O Pedro lavou-se

Hipóteses de análise

Categoria nula (empty category, ou *ec*)

A tentativa de explicar frases como (14 c.) – que são em caboverdiano muito frequentes, com todos os predicados cuja reflexividade não seja improvável (como é o caso de *mata*, que realiza a sua entrada reflexiva obrigatoriamente com a anáfora *si kabesa*) – com recurso às diversas possibilidades de ocorrência de categorias nulas mostra-se improdutiva. Como veremos a seguir.

A hipótese de PRO é excluída porque este ocorre em contextos não regidos e a posição em análise é regida pelo verbo.

A hipótese do vestígio anafórico (vestígio de DP) significa admitir que nesta cadeia-A existem duas posições temáticas, o que viola o critério temático (Chomsky 1986).

Hipótese da variável (Huang 1984). Ao contrário do que defende Baptista (1997), considero haver evidência para afirmar que o caboverdiano é uma língua semi-pro-drop (como o Português do Brasil, admite sujeitos expletivos nulos mas não sujeitos referenciais nulos – Costa & Galves 2001). Considero haver ainda evidência para afirmar que, nesta língua, o sujeito move de Spec,VP para Spec,IP, uma posição A. Isto implica que na sua deslocação para uma posição de tópico o DP (objecto) nulo cruzasse o co-referente que o c-comanda. O que, sintacticamente, não é possível.

Eliminando as possíveis explicações de natureza sintáctica, surge uma outra, que proponho seja a que se aplica aos dados em análise: a da operação lexical (Reinhart 1996).

Seguindo Chierchia (1989), Reinhart propõe que as entradas reflexiva e inacusativa de um dado verbo (que assumem a mesma forma morfológica mas têm propriedades sintáticas completamente diferentes) são derivadas pela mesma operação lexical – *redução* – a partir da entrada transitiva.

As operações lexicais podem sintetizar-se em duas: saturação (cuja instanciação mais óbvia é a passivização) e a redução (reflexivização inerente). A redução produz assim uma semelhança entre as entradas inacusativa e reflexiva do verbo. A primeira é o *output* da redução do argumento externo; a segunda é o *output* da redução do argumento interno. Nos *outputs* das entradas inacusativa e reflexiva, os DPs sujeitos têm, obviamente, papéis temáticos diferentes: o da primeira é paciente, o da segunda é agente.

- (15) a. Pedru laba karu – entrada transitiva
O Pedro lavou o carro
b. Karu laba (na txuba) – entrada inacusativa
O carro lavou-se (à chuva)
c. Pedru laba – entrada reflexiva
O Pedro lavou-se

Marantz (1984) e Grimshaw (1982, 1990) defendem que os reflexivos são uma espécie de inacusativos, mesmo nas línguas em que, quer num quer noutro caso, é deixado o clítico SE (*sich* no alemão, *si* no italiano, *zich* no holandês), que seria apenas o resíduo de um processo de ligação lexical. Em hebraico essa marca de reflexivização pode ser encontrada na morfologia do verbo. Em inglês, como em Caboverdiano, não se encontra em lado nenhum.

- (16) a. Die Tür offnete *sich*
A porta abriu(-se)
b. Tre ragazzi *si* sono vestiti
Três rapazes vestiram-se
c. De zuiker heeft *zich* opgelost
O açúcar dissolveu-se
- (17) a. The door opened (inacusativo)
b. Three boys dressed (reflexivo)
c. The sugar dissolved (esta frase, em holandês, tanto pode ser inacusativa como reflexiva, passando nos testes com os dois auxiliares, BE e HAVE)

Como referi, em Caboverdiano a marca de reflexivização não se realiza.

- (18) a. Porta abri (inacusativa)
b. Mininu bisti (reflexiva)

As análises tradicionais consideram que os verbos inacusativos são gerados no léxico como tendo apenas um argumento. Se existir uma entrada transitiva para o que parece ser o mesmo verbo, é um acidente. Mas Reinhart propõe um Princípio da Uniformidade Lexical: Cada conceito verbal corresponde a uma entrada lexical com apenas uma estrutura temática. As diferentes formas temáticas de um dado verbo são derivadas por operações lexicais a partir de uma estrutura temática.

- (19) a. Lucie rolled the stone (transitiva)
 b. The stone rolled (inacusativa – ou ergativa – o que parece ser o único argumento do verbo é gerado na posição de argumento interno e movido para a de argumento externo)
 c. Lucie rolled (tradicionalmente inergativa, dado o argumento ser gerado na posição de sujeito, mas Reinhart considera que é reflexiva)

A redução tem implicações ao nível da sintaxe, reduzindo a valência do verbo:

Na forma inacusativa o argumento reduzido é o externo e o interno move para a posição de sujeito. Na forma reflexiva, o argumento reduzido é o interno e o que fica, o externo, é realizado *in situ*. Mas resulta daqui um problema: a verificação dos traços EPP não depende do verbo, ficando assim por resolver o que acontece ao caso acusativo. Reinhart propõe aqui uma adaptação da Generalização de Burzio.

Generalização de Burzio

Se o verbo não atribui papel temático externo, também não atribui caso acusativo.

Generalização (de Reinhart) de mapeamento para operações lexicais

Se uma operação lexical se aplica a um verbo de dois lugares, um dos casos – o acusativo – deve ser eliminado.

Ainda a considerar, nas futuras análises das operações lexicais aqui tratadas, é o envolvimento dos traços (+/- *mental-state*; +/- *cause-change*) dos papéis temáticos atribuídos à posição de sujeito: agente; causa; paciente; tema.

- (20) a. Mininu lora pedra (agente)
 O menino rola a pedra
 b. Mininu lora di abuso (agente, confirmado pelo teste com o adverbial)
 O menino rola de propósito
 c. ???Pedra lora
 A pedra rola

A frase em (20 c.) levanta problemas aos falantes pela estranheza de ter *pedra* (-*mental-state*;-*causing-change*) como sujeito deste verbo. Refere Reinhart, alguma coisa, nem que seja uma vibração cósmica, tem de fazer a pedra rolar. A conclusão a reforçar aqui é que a redução do argumento externo depende da grelha temática projectada por cada predicado (Reinhart 2000), devendo as generalizações ser, por isso mesmo, cautelosas.

A questão, porém, não se põe quanto à redução do argumento interno (o sujeito da entrada transitiva permanece, garantindo o traço + *causing-change*). É, por isso, mais prudente considerar as duas operações de redução de forma independente. É igualmente aconselhável considerar, para já, apenas a redução do argumento interno (reflexivização) quanto ao Caboverdiano. Com a certeza de ser, de facto, uma operação muito produtiva nesta língua. Para referir alguns predicados, ocorre com *fri* (ferir), *laba* (lavar), *perdi* (perder), *trapadja* (atrapalhar), *xuxa* (sujar). Arriscando uma generalização, a redução ocorre com todos os predicados cuja reflexividade não é considerada muito improvável.

Referências bibliográficas

- Baptista, M. (1997) *The Morpho-Syntax of Nominal and Verbal Categories in Capeverdean Creole*. Cambridge, MA, Ph.D. Dissertation, Harvard University, Cambridge, MA.
- Barbosa, P. (2000) "Clitics: A window into the null subject property" in J. Costa (ed) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York, Oxford University Press.
- Burzio, L. (1986) *Italian Syntax: a Government and Binding Approach*. Dordrecht, Reidel.
- Cardinaletti, A. & M. Starke (1994) "The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes", ms., University of Venice and University of Geneva.
- Chierchia, G. (1989) "A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences", ms., Cornell University.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris
- Chomsky, N. (1986) *Barriers*. Cambridge, MA, MIT Press.
- Costa, J. (2000) "Spec, IP ou deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais" in *D.E.L.T.A.* 17:
- Costa, J. & C. Galves (a publicar) "Peripheral subjects in two varieties of portuguese: evidence for a non-unified analysis" in J. Benjamins (ed.) *Selected Proceedings of Going Romance 2000*. Philadelphia.
- Grimshaw, J. (1982) "On the lexical representation of Romance reflexive clitics" in J. Bresnan (ed.) *The Mental Representation of Grammatical relations*. Cambridge, MA., MIT Press.
- Grimshaw, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge, MA, MIT Press.
- Huang, J. (1984) "On the Distribution and Reference of Empty Pronouns", *Linguistic Inquiry* 15:531-74.
- Jackendoff, R. (1990) *Semantic Structures*. Cambridge, MA., MIT Press.
- Kayne, R. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*, Cambridge, MA, MIT Press.
- Lumsden, J. S. (1999) "Language Acquisition and Creolization" in M. DeGraff (ed.) *Language Creation and Language Change*. Cambridge, MA., MIT Press.
- Marantz, A. (1984) *On The Nature of Grammatical Relations*. Cambridge, MA, MIT Press.

- Reinhart, T. (1976) *The Syntactic Domain of Anaphora*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, MA.
- Reinhart, T. & E. Reuland (1993) "Reflexivity". *Linguistic Inquiry* 24:657-720.
- Reinhart, T. (1996) "Syntactic effects of lexical operations: reflexives and inaccusatives". *OTS Working Papers in Linguistics*, University of Utrecht.
- Reinhart, T. (2000) *The theta system: syntactic realization of verbal concepts*, *OTS working papers in linguistics* (00,01/TL).